



O exercício da autonomia

Quando é chegada a fase do Ensino Médio, os jovens passam por um turbilhão de inquietações, e a maioria delas refere-se à escolha profissional. A família também fica angustiada, porque a data da inscrição nos vestibulares se aproxima e os filhos ainda não sabem o que escolher. A insegurança e as dúvidas crescem.

Mas, se refletirmos sobre a questão, perceberemos que até esse momento nossos filhos fizeram pouquíssimas (ou não fizeram) escolhas que acarretassem uma mudança significativa em suas rotinas. Decidimos o colégio em que iriam estudar, a escola onde fariam o curso de idiomas e o clube que freqüentariam. Nessas escolhas, estávamos determinando os valores que iriam nortear suas vidas, bem como o grupo social do qual fariam parte. O nosso projeto de vida particular estava implícito nessas opções.

Chegada a hora da escolha profissional, os jovens precisam sair dessa situação protegida e segura, e lançar-se rumo ao desconhecido. Devemos, então, fazer o seguinte questionamento: será que estamos exercitando nossos filhos para que consigam fazer suas próprias escolhas e para que sejam responsáveis pelas conseqüências dos seus atos? Ou estamos querendo facilitar decisões, adiantando-nos na resolução de seus problemas corriqueiros e de simples situações do seu dia-a-dia? Estamos dando chance para que pensem e pesem os prós e contras de suas resoluções?

“Será que estamos exercitando nossos filhos para que consigam fazer suas próprias escolhas e para que sejam responsáveis pelas conseqüências dos seus atos?”

É cada vez maior o número de estudantes que, ao ingressar em uma universidade, desistem logo no início do curso. Será que todos esses jovens fizeram escolhas erradas ou não conseguem lidar com situações que

não correspondem integralmente às suas expectativas, vendo-se em um grupo desconhecido?

Poder ou ter que escolher é assumir riscos, é tornar-se responsável pelos resultados de suas atitudes, é interferir na sua história de vida. E, para isso, é preciso coragem. Além das perdas e frustrações, que sempre haverá, o indivíduo precisará se reorganizar dentro de suas novas perspectivas. Por outro lado, também precisamos mostrar que as escolhas não são fechadas - elas podem ser retomadas a qualquer momento. E que, ao

serem retomadas, representarão o ponto de partida para uma próxima experiência.

Como pais, é nosso papel conscientizar os jovens de que a felicidade não estará presente 24 horas por dia em nossas vidas, pois, como parte do desenvolvimento de todo ser humano, sempre teremos que administrar situações desagradáveis.

É por isso que enfrentar novos desafios, buscar superá-los e não fugir das dificuldades sempre será a melhor escolha.